



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 3, v. 1 mai.-out. 2015

p. 203-227.

Borborema's Queen: sexo, marcadores sociais e moralidades em uma sauna frequentada por homens em Campina Grande-PB

Martinho Tota¹

RESUMO: A partir da descrição e análise de uma sauna frequentada por homens em Campina Grande, interior do estado da Paraíba, procuro neste artigo discutir as possíveis conjugações e disjunções envolvendo sexo e identidade sexual em sua articulação com outros marcadores sociais como idade e classe, atentando tanto para os perfis de seus frequentadores e os tipos de interação estabelecidos entre eles, quanto para os discursos de outros interlocutores sobre a sauna. Busco igualmente aqui problematizar as noções de local, espaço e paisagem e o lugar do pesquisador inserido num contexto propício à prática sexual. Na parte final do texto, destaco a tensão que permeia a experimentação do sexo, tensão esta traduzida em um idioma moralizante e numa retórica onde se privilegia o ideal do amor romântico e da parceria pautada no afeto, na estabilidade e monogamia.

PALAVRAS-CHAVES: sexualidade; homoerotismo; gênero; masculinidades; moralidades.

Abstract: From the description and analysis of a sauna frequented by men in Campina Grande, Paraíba (Brazil), I seek in this article discuss the possible conjugations and disjunctions involving sex and sexual identity in its relationship with other social markers such as age and class, paying attention both to the profiles of their regulars and types of interaction established between them, as to the speeches of other parties on the sauna. I seek here also discuss notions of local, space and landscape and the place of the researcher inserted in a context conducive to sexual practice. In the final part of the text, highlight the tension that permeates the trial of sex, strain this translated into a language and a moralizing rhetoric where it favors the ideal of romantic love and partnership guided affection, stability and monogamy.

Keywords: sexuality; homoeroticism; gender; masculinities; moralities.

Resumén: A partir de la descripción y análisis de un sauna frecuentado por hombres en Campina Grande, estado de Paraíba (Brasil), pruebe este artículo discutir las posibles conjugaciones y disyunciones que implican el sexo y la identidad sexual en su relación con otros marcadores sociales tales como la edad y la clase, teniendo en cuenta tanto para los perfiles de sus visitantes y los tipos de interacción que se establecen entre ellos, en cuanto a los discursos de otros partidos en la sauna. Busco aquí también discutir nociones locales de espacio y el paisaje y el lugar del investigador se inserta en un contexto propicio para la práctica sexual. En la parte final del texto, resalte la tensión que se respira en el juicio de sexo, colar esta traducido a un idioma y una retórica moralizante donde se favorece el ideal del amor romántico y la asociación guiada afecto, la estabilidad y la monogamia.

Palabras clave: sexualidad; homoerotismo; género; masculinidades; moralidades.

¹Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Pesquisador associado do Laboratório Integrado em Diversidade Sexual e de Gênero, Políticas e Direitos (LIDIS)/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: martinho.tota@gmail.com.

1. Introdução

No decorrer do século XX, a questão das relações homoeróticas no Ocidente foi representada e vivenciada de maneiras bastante diversas, para o que concorreu uma série de transformações de ordem cultural e social. Nesse período, os discursos jurídicos, por exemplo, ainda que engendrados no âmbito de um campo específico, frequentemente imiscuíram-se com outros, de natureza médica ou mesmo religiosa. Estes, por sua vez, poderiam ser vistos simultaneamente como tributários e propagadores de uma determinada “cosmologia moral” hegemônica nas sociedades modernas, responsável pela visão negativa através da qual a homossexualidade fora lida. A partir da segunda metade do século passado, porém, o tema passa a ser submetido gradativamente a um processo de politização, inicialmente em grandes cidades norte-americanas e europeias, de onde se propagaram os primeiros acordos dos movimentos emancipatórios dos chamados grupos subordinados ou “minoritários” (mulheres, negros e homossexuais). No caso específico dos *gays*, um dos muitos (e multifacetados) frutos de sua maior visibilidade na esfera pública traduziu-se no mercado ou na sociedade de consumo – primeiramente nas maiores capitais globais, depois espalhando-se para outros centros urbanos –, fato este ilustrado pelo surgimento e expansão de espaços comerciais e de lazer (saunas, boates, bares, restaurantes, cinemas etc.) destinados a consumidores *gays* (cf. CHAUNCEY, 1994; SPENCER, 1999; PARKER, 2002).

O mesmo se deu nas principais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, a partir da década de 1960. GREEN (2000) observa que uma das razões que levaram à instauração de um campo de possibilidades favorável a este fenômeno no Brasil consistiu no maior relaxamento dos preceitos sociais e sexuais dominantes no país, relacionado ao processo de urbanização e de difusão de ideias consideradas “progressistas”, isto é, que entravam em choque com valores tidos como tradicionais. Por outro lado, da perspectiva de seus consumidores ou clientes, tais espaços significavam maior liberdade, privacidade e proteção contra a violência física e outras manifestações discriminatórias às quais estavam sujeitos nas ruas ou em outros ambientes públicos. Além disso, estes locais favoreceram os seus frequentadores no sentido de proporcionarem uma melhor socialização, a qual, a despeito de sua dinâmica, variabilidade e mesmo de possíveis conflitos, estava alicerçada no componente sociosexual dos mesmos (cf. GUIMARÃES, 2004, pp. 53-56; BARBOSA DA SILVA, 2005, p. 79, 102).

No Brasil, muitas das principais pesquisas socioantropológicas dedicadas ao estudo de *gays* e lésbicas tomaram ambientes como bares, boates, saunas, voltados a este público, como o próprio



objeto ou *locus* de investigação (ver, entre outros, PERLONGHER, 1987; GUIMARÃES, 2004; BARBOSA DA SILVA, 2005; GREEN & TRINDADE, 2005; MACRAE, 2005; HENNING, 2008; OLIVEIRA, 2009; LACOMBE, 2005, 2007, 2009, 2010; FRANÇA, 2009, 2012). O trabalho que empreendi na cidade paraibana de Campina Grande entre 2004 e 2005, que resultou em minha dissertação de mestrado (cf. TOTA, 2006) e da qual este artigo é fruto, de certo modo seguiu esta “tradição”, embora se distancie do contexto metropolitano costumeiramente tomado como cenário dos referidos estudos. Antes, porém, de partir para o cerne deste texto, faz-se necessário explicitar alguns detalhes do problema central de minha pesquisa e do cenário no qual a mesma foi desenvolvida.

Campina Grande está localizada no Agreste paraibano, distando 125 quilômetros de João Pessoa, capital do estado, sendo a segunda maior cidade da Paraíba e do interior do Nordeste em termos demográficos e econômicos. De acordo com dados do IBGE, referentes ao ano de 2012, a população do município era de 389.995 habitantes. Este número subia para 687.545 (quando contabilizada a população dos 17 municípios que formam a região metropolitana) e para 1 milhão de pessoas (quando contabilizada a população dos 60 municípios do chamado “compartimento da Borborema”, zona que abrange as microrregiões do Brejo, Cariri, Seridó, Curimataú e Agreste). Subdividida em 52 bairros e 5 distritos rurais, Campina Grande se caracteriza como uma cidade comercial, industrial e universitária, atraindo estudantes tanto de outros municípios do interior paraibano quanto de cidades de outros estados, sobretudo do Nordeste.

Considero importante trazer estes detalhes, tendo em vista que os mesmos, somados a outros fatores, contribuem para entender por que em Campina Grande, cidade de porte médio, situada no interior da Paraíba, foi possível o aparecimento de espaços comerciais destinados a um público *gay*, espaços estes que conformaram uma paisagem que suscitou meu interesse acadêmico. Na primeira metade da década de 2000, período em que comecei a frequentar e, posteriormente, a pesquisar espaços de sociabilidade homoerótica, havia uma boate (Satyricon), um bar (Dona Fulô) e uma sauna (Borborema's Queen) destinados a este público². Além desses locais, havia alguns bares (como o Asa Branca e o Zeitgeist) e lanchonetes, os quais, mesmo não se destinando a uma clientela exclusivamente *gay* e/ou lésbica, eram frequentados tanto por pessoas desse público quanto pela “galera alternativa” (composta majoritariamente por jovens estudantes universitários, “brancos” e de classe média). Em minha pesquisa, privilegiei a Satyricon, o Dona Fulô, o Zeitgeist, a Borborema's Queen, além de duas praças públicas, como *locus* de observação e participação. Vale

² Os nomes desses estabelecimentos, bem como dos atores mencionados no corpo do texto, são fictícios.



dizer que, com exceção do Dona Fulô, os demais cenários ficavam no Centro da cidade, sendo possível percorrê-los todos apenas caminhando.

Além de observar os espaços referenciados, realizei entrevistas em profundidade com 17 homens que se autodefiniam como homossexuais e uma travesti. Entre meus interlocutores havia amigos, colegas universitários, pessoas indicadas por eles e ativistas da Associação de Homossexuais de Campina Grande (AHCG). Todos eles frequentavam ao menos um dos estabelecimentos comerciais (ou espaços públicos de interação homoerótica) por mim pesquisados e moravam na cidade de Campina Grande, embora cinco deles fossem naturais de outras cidades paraibanas e um do estado de Sergipe. Ainda sobre o perfil dos meus principais interlocutores, vale destacar que suas idades variavam entre 18 e 35 anos e que, além dos 18 entrevistados, conversei com dezenas de pessoas a quem conheci durante (ou mesmo antes do) o processo investigativo e que enriqueceram em muito a minha percepção do objeto de estudo.

Para o presente artigo, destaquei um dos locais investigados na referida pesquisa: a Borborema's Queen, primeira sauna destinada a um público homoerótico aberta na Paraíba, no ano de 2001, que guardava certas particularidades quando comparada à boate, aos bares e às praças públicas que observei. Frequentei a Borborema's Queen nos meses de maio e julho de 2005, fazendo incursões semanais e procurando alternar os dias da semana, bem como os horários, no intuito de apreender possíveis variações quanto ao número de clientes, de massagistas, e aos tipos de interação que se davam ali. Entre os primeiros, foi possível conversar com nove deles, dentre os quais dois faziam parte do grupo dos 18 interlocutores aos quais me referi. Quanto aos sete clientes que conheci na sauna, em três casos nossos diálogos tiveram como cenário o próprio local, enquanto nos demais a interlocução se deu fora dali, minutos, horas ou mesmo dias após a explicitação dos meus interesses de pesquisa. Não utilizei gravador de voz, tampouco segui um roteiro de perguntas previamente formuladas, isto porque todos (alguns mais, outros menos) mostraram-se, ao menos num primeiro momento, receosos de terem o sigilo (SEDGWICK, 2007, p. 21; LACOMBE, 2010, p. 137), por eles tão prezado, ameaçado. Importante destacar que nem todos os clientes ouvidos, cujas idades variavam entre 28 e 46 anos, se diziam *gays*, havendo dentre eles alguns que mantiveram ou mantinham ao tempo da pesquisa relacionamentos sexuais/afetivos com mulheres. Quanto aos massagistas, dois deles se dispuseram a falar comigo no interior da sauna, contanto que nossa conversa não fosse gravada.

Vale dizer ainda que muitas das informações por mim colhidas referentes ao local provieram também das 18 pessoas entrevistadas mais extensamente, de amigos, colegas e conhecidos que a



frequentavam, chegaram a visitá-la ao menos uma vez ou que jamais o fizeram. Não obstante, em todas as situações acessei dados preciosos. Feitas essas considerações, é chegada a hora de adentrarmos a Borborema's Queen.

2. Dentro da Borborema's Queen

Se eu já era frequentador de alguns dos lugares que constituíam o circuito de espaços de interação homoerótica de Campina Grande, antes mesmo de tomá-los como objeto de pesquisa, o mesmo não poderia ser dito quanto à Borborema's Queen. A primeira vez que o fiz, em abril de 2005, foi na companhia de um dos membros da AHCG, que fazia visitas periódicas ao local para distribuir preservativos entre funcionários e clientes. Na segunda visita, contei com a companhia de Eduardo, um amigo que costumava frequentá-la e que mantinha uma relação amistosa com Sérgio, proprietário do estabelecimento. Somente na terceira vez, contando novamente com a ajuda de Eduardo, expus minha intenção não de investigar o local, mas sim de conversar com funcionários e clientes sobre a dinâmica do lugar e suas motivações para ali estarem. Sérgio mostrou-se ressabiado num primeiro momento, temendo que seus clientes sentissem-se constrangidos com a presença de um pesquisador. Entretanto, pude contar com sua anuência, não sem certo esforço para convencê-lo de que não era minha intenção expor a intimidade de ninguém.

O apoio concedido por Sérgio e Eduardo, contudo, significou a superação apenas do primeiro dos muitos desafios implicados na investigação de um espaço destinado a práticas sexuais. Restava ainda encontrar pessoas dispostas a falarem de si, além de transpor as próprias barreiras de minha subjetividade (traduzidas em ansiedades e desejos em seu embate com a racionalidade científica).

Situado no Centro da cidade, o local dividia espaço com lojas de autopeças e bares de frequência majoritariamente masculina, os quais abrigavam mulheres que se prostituíam, sobretudo à noite. Enquanto isso, numa avenida perpendicular, travestis “faziam ponto”, igualmente durante a noite. Era uma região da cidade considerada perigosa em virtude da alta incidência de assaltos, principalmente nos finais de semana, durante feriados e após o horário comercial. Coincidência ou não, o fato é que a sauna foi instalada no que, acionando os termos de Robert Park (1973), poderia ser definido como uma “região moral”, isto é, um espaço no qual “prevalecem códigos divergentes” “associados a condutas dissidentes” (cf. DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 222). Isto, contudo, não tinha reflexos na estética da sauna. Na verdade, ao contrário dos bares e edifícios em torno do local, cujas fachadas eram enegrecidas, sujas, a Borborema's Queen era um sobrado bem cuidado que não se



destacaria dos demais estabelecimentos não fosse seu aspecto convidativo, o que era confirmado já na recepção, quando os clientes eram cordialmente recebidos por um de seus funcionários.

Assim como em outras saunas – o que viria a confirmar mais tarde –, o cliente recebia na entrada a chave de um armário onde depositava seus pertences e no qual encontrava uma toalha e um par de chinelos (eis aqui toda a indumentária dos clientes e massagistas que circulavam pelo local). No primeiro piso, razoavelmente amplo e situado no térreo do edifício, nos deparávamos com uma bandeira do arco-íris, símbolo do movimento LGBT, além de diversos pôsteres de homens jovens, viris, nus e musculosos, em poses sedutoras ou fazendo sexo. Havia ali um *american bar*, mesas e cadeiras, uma sinuca, sobrando espaço ainda para aqueles que quisessem dançar ouvindo e assistindo aos videoclipes musicais exibidos em um pequeno aparelho de televisão. As saunas propriamente ditas (a seco e a vapor) e os chuveiros ficavam nos fundos do primeiro piso. Já no segundo, havia uma sala na qual eram exibidos filmes pornô *gays*, quatro cabines fechadas, exclusivas para os massagistas e seus clientes, e outras quatro cabines abertas, bastante estreitas e escuras, que contavam com minúsculas camas destinadas aos clientes.

A propósito, a Borborema's Queen era uma sauna mista, em cujo espaço se dava tanto a interação erótica envolvendo apenas clientes e relações homocomerciais entre estes e os massagistas. Digo que se tratava de um espaço misto porque há no Brasil saunas masculinas destinadas exclusivamente aos clientes (saunas de “pegação”) e saunas que têm nos *boys* (isto é, rapazes que atuam como garotos de programa) um dos principais serviços oferecidos aos seus frequentadores (cf. TRINDADE, 2004; RIBEIRO *et al.*, 2011, p. 90, 93). No caso aqui enfocado, ainda que a presença de massagistas constituísse importante ingrediente de atração para o local, estes não eram recrutados por Sérgio, muito embora houvesse um acordo tácito, informal, envolvendo proprietário e massagistas, vantajoso para ambas as partes³.

³ Os primeiros tinham franqueado o acesso ao ambiente porque atraíam clientes. Além disso, eles encontravam ali uma clientela mais ou menos fixa, maior segurança e privacidade, aspectos igualmente valorizados pelos clientes. Contudo, o número de massagistas era bastante reduzido. Durante minhas visitas à sauna, normalmente encontrava no máximo três deles. Este número somente se elevava numa ocasião festiva, quando eram levados massagistas de outras cidades como João Pessoa e Recife. Embora oscilasse, dependendo do horário e do dia da semana, o número de clientes era significativamente maior que o de massagistas. Este número, contudo, dificilmente era maior que vinte pessoas nos períodos considerados como de movimento intenso. O que Trindade (2004, p. 178-179) observou no contexto de uma sauna paulistana era bastante similar ao que percebi na Borborema's Queen. Ou seja, quando um programa (ou “massagem”) era negociado diretamente com o “*boy*” (massagista), o cliente solicitava uma cabine que ficava no segundo piso do estabelecimento. A sauna lucrava com o pagamento do ingresso do cliente e pelo que este consumia (bebidas, petiscos, preservativos) e não com as “massagens”. Entretanto, como veremos, diferentemente da sauna descrita por Trindade (2004), na qual os clientes não interagiam sexualmente entre si, na Borborema's Queen predominava este tipo de interação, sendo inclusive mais frequente do que o sexo entre massagistas e clientes.



Porém, interessa aqui entender a estratificação social da sauna, isto é, o perfil dos massagistas e da clientela e o que os distinguia. Na prática, aqueles atuavam como “michês”, isto é, “indivíduo[s] jove[ns] do sexo masculino, tido[s] como heterossexual[ais], que vende[m] os seus serviços sexuais no mercado homossexual, recebendo do homossexual pagamento em dinheiro ou outras formas de bens simbólicos e materiais (subsistência, roupas etc.)” (GUIMARÃES, 2004, p. 74-75, ênfase da autora. Ver ainda PERLONGHER, 1987). Ou seja, os massagistas, diferentemente da maioria dos clientes da sauna, não se definiam como *gays*, tampouco justificavam sua presença no local acionando o interesse de encontrar parceiros sexuais pelo simples prazer. Ao contrário, enfatizando suas identidades de “homens”, “machos”, “heterossexuais”, os massagistas faziam questão de performatizarem uma masculinidade por vezes afetada, acentuando gestos e um vocabulário “tipicamente” masculinos. Além disso, afirmavam reiteradamente gostarem de mulheres, atuarem no sexo apenas como “ativos” (isto é, como sujeitos penetradores) e só se engajarem em interações homoeróticas motivados pelo dinheiro e não pelo desejo (cf. GUIMARÃES, 2004, p. 88).

Enfatizar a masculinidade e a condição de heterossexuais (“machos”), no caso dos massagistas, certamente relacionava-se à autoimagem que os mesmos queriam imprimir no sentido de afastá-los do estigma da homossexualidade. Entretanto, nessa maquinaria estava em jogo também uma valorização de seu capital erótico naquele contexto. Ou seja, realçar o “ser macho” e “ativo” nas relações sexuais concorria para torná-los mais atraentes e disputáveis. Nesse sentido, os discursos emitidos pelos massagistas a respeito do dinheiro também poderiam ser vistos aqui “como um signo marcado pelo gênero, (...) expressando o reconhecimento do *status* masculino que um *homem* ostenta” (OLIVEIRA, 2009, p. 135-136, ênfases do autor).

Diante disso, creio que o que os massagistas disseram acerca dos valores cobrados nas interações sexuais com os clientes estava diretamente associado ao investimento na retórica masculinizadora. Isso poderia ser ilustrado tanto pelos valores supostamente exigidos por eles quanto pelas negociações que antecediam as “massagens”. Segundo os massagistas, o valor médio cobrado poderia chegar a R\$ 100,00 (cem reais). Entretanto, os valores oscilavam de acordo com cada cliente. Tais variações estavam relacionadas a fatores como: 1) o *status* socioeconômico do cliente; 2) a idade e a aparência física do cliente; 3) o tipo de relação prévia existente entre um determinado massagista e um determinado cliente (este poderia ser um frequentador assíduo da sauna que solicitava sempre os serviços de um mesmo massagista. Neste caso, o valor cobrado pela “massagem” era mais flexível e tendia a baixar. Mas o cliente poderia ser um neófito ou um turista. Neste caso, o valor tendia a subir); 4) o momento vivido pelo massagista, quando este poderia estar



mais ou menos necessitado de conseguir dinheiro para o atendimento de suas demandas pessoais. Contrariando as falas dos massagistas, porém, de acordo com alguns clientes, muitas vezes as “massagens” eram feitas em troca de R\$ 15,00 (quinze), R\$ 20,00 (vinte reais), ou mesmo de graça, pelo “prazer mesmo”. Tal informação, além de ratificar a relação simbiótica/simbólica entre dinheiro e masculinidade (heterossexualidade) no caso dos massagistas, apontava para uma arena de disputas na qual os discursos destes eram passíveis de contestação por parte dos clientes.

Até aqui vimos dois marcadores mais ou menos nítidos – ainda que manipuláveis –, responsáveis pela distinção entre massagistas e clientes, onde os primeiros recebiam dinheiro e se posicionavam como heterossexuais, enquanto estes apareciam como os sujeitos a despenderem dinheiro em troca de sexo e que eram tidos, ao menos pelos massagistas, como homossexuais. Entretanto, havia outros aspectos demarcadores, desde os mais prosaicos como as cores das toalhas (verde musgo para os massagistas, branca para os clientes) até os mais flexíveis e sutis, como as performances de gênero dos agentes presentes na sauna, atravessando variáveis como faixa-etária, classe social, nível de escolaridade e aparência física. Acerca deste último elemento, observei que os massagistas tinham os corpos esculpidos em academias de ginástica, revelando a preocupação destes em imprimirem uma estética considerada ideal tanto para eles mesmos quanto para os clientes, tornando-os mais desejáveis e valorizados no mercado dos afetos e prazeres. A autoconfiança dos massagistas que se sentiam especialmente atraentes – em virtude dos cuidados que tinham com o corpo, somada ao interesse de conquistarem clientes – se expressava nas atitudes que muitos deles tinham diante dos frequentadores da Borborema's Queen. Ou seja, eles expunham seus corpos nus ou deixavam a toalha cair numa displicência cuidadosamente planejada, além de procurarem seduzir a clientela ora de maneira sutil (por meio do olhar, de um coquetismo fingido), ora de forma direta, através de cantadas, convites explícitos, apalpando o corpo de um cliente ou tocando sinuosamente alguma parte do seu próprio corpo. Assim, tínhamos nesse quesito estético e performático mais um elemento distintivo entre massagistas e clientes, já que a maioria destes últimos não tinha os corpos trabalhados em academias. Além disso, a maneira como estes abordavam outros clientes era mais individualizada, ou seja, não se dava aqui a mesma uniformidade que aquela expressa pelos massagistas durante a negociação com um frequentador e potencial cliente.

Quanto aos fatores idade e classe (isto é, grau de escolaridade, ocupação e, por conseguinte, *status* socioeconômico), é preciso atentar para o fato de que estes marcadores estabeleciam diferenciações não apenas entre massagistas e clientes, mas entre os próprios clientes. Para visualizarmos isso é preciso recorrer a alguns dados biográficos dos atores em foco. Os dois massagistas com quem



conversei tinham 19 e 23 anos. Ambos residiam em bairros afastados do Centro da cidade, ocupados majoritariamente por moradores pertencentes aos segmentos populares. Nenhum deles havia concluído o ensino médio nem tinha outra fonte de renda ao tempo da pesquisa. Contando apenas com a observação direta no interior da sauna (e com os depoimentos dos dois massagistas e dos nove clientes), pude perceber que, além de a maioria dos frequentadores da Borborema's Queen ser constituída por homens cujas idades eram significativamente superiores às dos massagistas, este público era formado por indivíduos com maior nível de escolaridade e que contavam com profissões que lhes proporcionavam alguma estabilidade e conforto financeiros. Por outro lado, havia clientes quase tão jovens quanto os massagistas e cujas condições socioeconômicas não contrastavam radicalmente com as destes últimos. Nesse sentido, idade e classe funcionavam, dependendo das situações e dos atores envolvidos, tanto como marcas diferenciadoras entre massagistas e clientes, quanto entre clientes e clientes; mas também, nesse último caso, como elemento que aproximava massagistas de alguns clientes. Ao mesmo tempo, as diferenças etárias e socioeconômicas entre os frequentadores da sauna reverberavam, embora não automática, mecânica e homogeneamente, no acionamento ou não dos serviços dos massagistas e no tipo de relação estabelecido com eles. Ou seja, muitos dos clientes jovens, pertencentes à mesma classe social dos massagistas, geralmente não solicitavam os seus serviços. Isto nem sempre se devia ao fato deles não disporem de dinheiro para fazê-lo, mas sim à percepção de que um homem jovem não precisava despender dinheiro para interagir sexualmente. Sobre esse aspecto, eram sintomáticos os discursos emitidos por alguns interlocutores (clientes com menos de 30 anos), segundo os quais, por serem “novos ainda”, seria inadmissível “pagar por sexo”⁴.

Desse modo, os enunciados de massagistas e de alguns clientes jovens ilustravam um campo de disputas no interior da Borborema's Queen no qual se jogava com o fator idade (que muitas vezes aparecia como sinônimo de maior ou menor atratividade física e, por conseguinte, em (des)vantagens na conquista de parceiros sexuais) e o fator classe. Contra o fato de ostentarem maior poder aquisitivo, os clientes mais velhos eram desqualificados pelos mais jovens como “bichas velhas”, “cacuras”, “feias”, que não teriam nenhum sucesso no mercado sexual não fosse por meio do dinheiro. De fato, ainda que muitos clientes desfrutassem ali dos prazeres ofertados pelos massagistas, preferindo este tipo de serviço a procurar um garoto de programa em outro local,

⁴ É importante deixar claro, contudo, que a conjuntura aqui expressa se explicitava graças ao artifício analítico por mim proposto a partir do que foi colocado por alguns dos atores por meio de seus enunciados e de suas ações neste espaço específico. Por outro lado, as dinâmicas norteadoras das interações homoeróticas entre massagistas e clientes e entre estes últimos eram relativamente fluidas. Digo isto porque as clivagens de classe e geração não impossibilitavam automaticamente que clientes jovens acionassem os serviços de algum massagista ou que clientes mais velhos interagissem com outros clientes sem despenderem dinheiro com isso.



outros tantos dispensavam relações homocomerciais por considerarem constrangedor pagar por sexo. Tratava-se de uma espécie de código de honra imiscuída à vaidade, segundo o qual pagar por sexo funcionava como atestado de decadência física e/ou moral, somente justificável no caso das “bichas velhas” e “feias” que não conseguiriam um parceiro por outras vias. Assim, certamente não era por acaso que, dentre aqueles que solicitavam os serviços de um massagista, o sexo de fato se dava em outro local que não a sauna⁵.

Além de serem estigmatizados pela idade e por solicitar os serviços dos massagistas, muitos dos clientes mais velhos eram desprezados pelos mais jovens que os acusavam de “enrustidas”, isto porque dentre os primeiros havia também homens casados com mulheres, os quais não se reconheciam como homossexuais⁶. Estes, por sua vez, criticavam não apenas alguns dos frequentadores da sauna mais jovens, bem como os *gays* assumidos de um modo geral, sobretudo aqueles que “dão muita pinta” e “chocam demais”.

A propósito ainda do perfil dos frequentadores da Borborema's Queen, além de seu número ser muito superior ao de massagistas (da ordem de 20/3 a cada dia da semana), este público era também mais heterogêneo. Já aponte que as distinções entre estes e aqueles perpassavam questões de classe (maior ou menor poder aquisitivo), orientação sexual declarada e idade (embora estes marcadores fossem manipulados de acordo com os indivíduos e os momentos de interação). A esses marcadores somavam-se ainda os locais de origem ou moradia dos clientes. É certo que, até onde me foi possível observar, a maioria deles residia em Campina Grande. Outros, porém, moravam em pequenas cidades

⁵ Entre os homens com maior poder aquisitivo, como políticos, empresários e figuras conhecidas na cidade, sequer a Borborema's Queen era por eles frequentada. Algumas dessas personalidades procuravam espaços de interação homoerótica (como saunas e boates) nas grandes capitais nordestinas, principalmente Recife.

⁶ Algumas considerações acerca desses depoimentos são pertinentes. A primeira diz respeito à identidade sexual desses sujeitos e ao modo como estes agenciavam e interpretavam suas vidas sexuais. Diferentemente da maioria dos homens que frequentavam a Borborema's Queen com relativa assiduidade, muitos dos indivíduos que entrevistei eram assumidamente homossexuais que frequentavam outros espaços, como a boate e os bares voltados para um público *gay*. Desse modo, ao contrário dos homens que mantinham uma “vida dupla”, onde a preservação de uma imagem “heterossexual” era colocada como fator de primeira ordem, sendo inclusive objeto de grande ansiedade, o mesmo não se dava entre sujeitos assumidamente homossexuais, que não manifestavam nenhuma preocupação no sentido de ocultar sua sexualidade. Na verdade, alguns destes últimos demonstravam mesmo sentir desprezo pelos “enrustidos”, os “mal-resolvidos”, isto é, por aqueles homens que não “se assumem” como homossexuais. Contrapondo-se a estes, os homossexuais assumidos sentiam-se mais “verdadeiros” por não usarem máscaras nem disfarces. Em contrapartida, a atitude manifestada por alguns dos indivíduos que, a despeito de interagirem homoeroticamente, não se reconheciam como homossexuais, e a reação negativa contra eles expressa por certos frequentadores (assumidamente *gays*) da sauna, encontram nas palavras de Maria Luiza Heilborn uma síntese possível: “A afirmativa de que a declaração explícita da orientação homoerótica não é considerada necessária e, sobretudo, é entendida como limitadora das potencialidades dos indivíduos, desperta suspeitas frequentemente atribuídas ao medo do estigma, à covardia diante das convenções sociais, a uma estratégia calculista de anonimato, ou ainda à falta de solidariedade para com seus ‘iguais’” (HEILBORN, 1996, p. 4, *apud* LACOMBE, 2010, p. 132). Ainda a respeito da “vida dupla”, a partir de leituras mais ou menos distintas, ver LACOMBE (2010, p. 132), POLLAK (1985, 1990) e TRINDADE (2004).



mais ou menos próximas, como Pocinhos, Esperança, Lagoa Seca, Alagoa Nova, Puxinanã, entre outras. Este era o caso de Lucas e Saulo, dois dos nove clientes com quem conversei.

Lucas tinha 29 anos, era natural de Boqueirão, município com menos de 17 mil habitantes, situado a 45 quilômetros de Campina Grande. Dizendo-se evangélico, afirmou haver assumido sua homossexualidade recentemente, após seis meses de terapia. Mesmo frequentando a sauna com relativa assiduidade, indo de duas a três vezes por mês, dizia estar apenas “fazendo um teste” para saber se ele de fato era *gay*. Ao tempo de nossa conversa, Lucas afirmou não haver estabelecido nenhum relacionamento duradouro com outro homem e que, antes da terapia, mantivera relacionamentos sexuais e afetivos somente com mulheres. Morando com os pais e vivendo numa cidade pequena, meu interlocutor acreditava que “ninguém” conhecia suas preferências sexuais. Era por essa razão que frequentava a sauna, pois esta, de acordo com ele, possibilitava a vivência de sua sexualidade sem colocar em risco a privacidade por ele desejada.

Quanto a Saulo, este tinha 32 anos e morava em Solânea, município com uma população aproximada de 27 mil habitantes e que ficava a pouco mais de 60 quilômetros de Campina Grande. Saulo foi casado com uma mulher e era pai de dois filhos pequenos. Segundo ele, quando sua ex-esposa descobriu que o marido mantinha um relacionamento extraconjugal com outro homem, ela não apenas colocou fim ao casamento, mas também recorreu à justiça para privá-lo do contato com os filhos. Para Saulo, o desejo homoerótico era algo “difícil de controlar”. Dizendo-se “carinhoso” e “passional”, naquele momento estava à procura de um namorado. A exemplo de Lucas, para Saulo, estar na sauna em Campina Grande significava a possibilidade de conciliar liberdade, prazer, privacidade e anonimato.

3. Reflexões sobre o trabalho de campo em uma sauna

Um dos fatos observados na Borborema's Queen, e que contribuía para sua especificidade quando comparada aos demais espaços por mim pesquisados (a boate Satyricon, os bares Zeitgeist e Dona Fulô e praças públicas), dizia respeito não apenas ao tipo de interação que ali se dava, mas também ao perfil do seu público, ou seja, muitos dos clientes da sauna não frequentavam os outros ambientes. Isto estava relacionado não a questões de classe ou faixa-etária, mas sim à maneira como os clientes equacionavam desejo homoerótico e a preocupação com suas (auto)imagens públicas. Porque alguns deles eram casados com mulheres, tinham filhos e exerciam funções que requeriam



deles a necessidade de manter certa reputação, esses homens não eram jamais vistos em qualquer outro espaço existente na cidade frequentado exclusiva ou majoritariamente por *gays*.

Contudo, sendo apenas um dos espaços de interação e sociabilidade homoerótica investigados em Campina Grande, o lugar ocupado pela Borborema's Queen em minha dissertação de mestrado foi secundário, de modo que, naquela ocasião, não me foi possível investir na compreensão de toda a complexidade que um cenário como este guarda. Desde o pioneiro e controvertido trabalho de Laud Humphreys (1970), sobre práticas sexuais entre homens em espaços públicos, vem se avolumando uma considerável literatura (produzida não apenas por cientistas sociais, mas no âmbito de outras disciplinas acadêmicas) tanto no Brasil como em outros contextos socioculturais, enfocando saunas, parques e banheiros públicos, clubes, cinemas e outros locais onde se dão interações homoeróticas estabelecidas principalmente por indivíduos do sexo masculino – a despeito da diversidade envolvendo suas orientações sexuais autodeclaradas, suas performances de gênero e preferências sexuais (cf. CARLOS DOS SANTOS, 1976; TERTO JR., 1989; BOLTON, 1995; CLATTS, 1999; HIGGINS, 1999; LEAP, 1999; MURRAY, 1999; TATTELMAN, 1999; PÉREZ & RUBIO, 2006; BRAZ, 2007, 2009, 2010; ÉLCIO SANTOS, 2007, 2008; PAIVA, 2009, entre outros).

Não havendo espaço aqui para revisitar essa literatura, nem para escutar exaustivamente todas as questões suscitadas pela investigação na sauna, pretendo a seguir refletir ao menos sobre alguns aspectos importantes que deixei de lado no período em que escrevi sobre este espaço pela primeira vez. Vale dizer que, além do tempo, foi a leitura de trabalhos como os de Andrea Lacombe, María Elvira Díaz-Benítez e Camilo Albuquerque de Braz, entre outros, que despertaram meu interesse de retornar ao meu próprio trabalho. É importante explicitar que a escolha destas(es) autoras(es) obedeceu a dois critérios. Em primeiro lugar, seus escritos estão inseridos na recente produção socioantropológica brasileira enfocando temas como gênero, sexo, sexualidade, erotismo, orientação sexual. Depois, a despeito do fato de seus objetos de estudo não serem exatamente os mesmos, encontramos em todos um exercício reflexivo no qual as(os) próprias(os) autoras(es)/etnógrafas(os) se posicionam diante das vicissitudes (como o desejo erótico, o medo, a vergonha etc.) que um estudo enfocando práticas sexuais pode implicar.

3.1 Borborema's Queen: um espaço para sexo entre *gays*?

A Borborema's Queen foi um empreendimento de um empresário *gay* voltado para um público *gay* imbuído do interesse de encontrar sexo de modo seguro, privado e eficiente. Se pensássemos apenas



no predomínio do conteúdo estritamente sexual presente nas interações entre aqueles que a frequentavam, e no fato de que entre estes havia indivíduos autodefinidos como homossexuais, bissexuais ou heterossexuais, as palavras empregadas por Humphreys para descrever as “casas de chá” (*tearooms*) que ele observou poderiam ser automaticamente transpostas para a Borborema's Queen. Ou seja, tanto em um local quanto no outro, “homens – casados ou não, com identidades heterogêneas ou com autoimagens homossexuais – buscavam o sexo de forma impessoal, desprovido de envolvimento e responsabilidades”. Ambos os espaços eram

relativamente acessíveis, facilmente reconhecíveis pelo iniciado, oferecendo as vantagens de um ambiente ao mesmo tempo público e privado. [...] Somadas à privacidade relativa desses ambientes, essas características aumentam a impessoalidade da interação protegida (HUMPHREYS, 1976, p. 148-149).

Nesse sentido, dado o papel que a prática sexual desempenhava neste espaço, o lugar ocupado pela sauna no imaginário da população *gay* que constituiu o grupo de pessoas com quem convivi, dialoguei e/ou a quem entrevistei, era liminar. Explico. Na boate Satyricon, por exemplo, o público era constituído principalmente por jovens assumidamente *gays* que a frequentavam no intuito de dançar, beber, “beijar na boca”, encontrar alguém para “ficar” ou mesmo para namorar. Já no bar Dona Fulô, o público era formado tanto por *gays* quanto por lésbicas cujas idades eram significativamente mais elevadas quando comparadas às daqueles que conformavam a clientela da Satyricon. Em linhas gerais, a Borborema's Queen aparecia ao lado destes dois estabelecimentos como mais um local onde homens *gays* tinham um lugar “para chamar de seu”. Por outro lado, porque a sauna era representada como um ambiente associado diretamente à prática sexual e não a outras modalidades de divertimento ou socialização, esta era frequentemente associada a praças e banheiros públicos (de shopping centers, do terminal rodoviário da cidade etc.), isto é, a cenários definidos pejorativamente como de “pegação”. Retomarei este ponto na parte final do texto. Por enquanto, julgo importante dar um passo atrás, reconsiderando as modalidades de interação existentes no interior da sauna e o perfil de seus frequentadores (massagistas e clientes), atentando para seu caráter complexo e por vezes fugidio. Para tanto, recorro a um dos pontos destacados por Lacombe (2010, p. 22-24) em sua pesquisa sobre locais de sociabilidade envolvendo “lésbicas, entendidas e afins”. No referido estudo, a autora se pergunta: “o que faz o espaço com as pessoas e que fazem as pessoas com o espaço?”. A partir dessa indagação inicial, ela observa que



[a] importância de analisar a espacialidade e a arquitetura dos lugares onde se desenvolve a etnografia se relaciona à noção de “construção do espaço”, em um movimento dialético com as gramáticas de socialização: os *quem* e os *como* também dependem dos *onde*. Os *onde*, por sua vez, estruturam-se em fluxos espaço-temporais, abrigando um público que carrega os espaços com determinados sentidos, a partir dos usos que deles faz. [...] A organização espacial dos lugares guarda relação com os usos que culturalmente se faz deles. Eles não são meros reservatórios inertes; são politizados, culturalmente relativizados, historicamente construídos e percebidos a partir de diferentes lugares em relação ao agenciamento feito pelos atores, ou seja, o agenciamento que seu uso supõe. (LACOMBE, 2010, p. 22-24, ênfases da autora)

Ao relembra minha experiência na Borborema's Queen, anos depois de ter estado lá, a partir de tais considerações, percebo que – paralelamente aos discursos do proprietário desse estabelecimento e de alguns de meus interlocutores (frequentadores ou não do mesmo), segundo os quais a sauna constituía um espaço exclusivamente *gay* destinado à prática sexual – a configuração social desse cenário era muito mais complexa. Primeiramente porque, conforme coloquei, nem todos os sujeitos que conformavam este ambiente se autodefiniam como *gays*/homossexuais. Havia aqueles, como os massagistas, que faziam questão de reafirmar continuamente suas masculinidade e heterossexualidade, bem como clientes que se diziam bissexuais ou que interpretavam seus desejos e suas interações homoeróticas apenas como um momento esporádico em suas vidas sexuais e afetivas. Nesse sentido, as práticas sexuais *per se*, ao serem interpretadas de maneiras diferentes pelos atores, não concorriam para um estabelecimento mecânico e homogêneo de identidades individuais ou coletivas. Além do mais, às práticas sexuais havia motivações (dinheiro, por exemplo, no caso dos massagistas) e significados variados, os quais dependiam de questões como “gostos sexuais” e “intenções de escolha” (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 18). Por esta razão, definir a sauna apenas como um ambiente *gay* implicaria ignorar a complexidade expressada nas formas pelas quais os atores buscavam ali definir ou negociar suas identidades relacionalmente.

Outro ponto a ser questionado (ou pelo menos matizado) refere-se à associação estabelecida por muitos indivíduos ouvidos entre sauna e sexo. De fato, a possibilidade de interagir sexualmente ali mais facilmente, com segurança e relativa impessoalidade, constituía uma das principais motivações que levavam seus clientes a frequentá-la. Entretanto, diferentemente dos clubes de sexo paulistanos descritos por Braz (2007, 2009, 2010), onde muitos homens praticavam sexo inclusive em público, na Borborema's Queen, além do sexo propriamente dito se dar na maioria das vezes apenas nas cabines reservadas aos clientes e/ou massagistas, o tipo de sociabilidade estabelecido era mais amplo. Ao longo de minhas visitas ao local, cheguei a observar duplas de amigos ou mesmo casais



de namorados que se limitavam ao bar localizado no primeiro piso, onde ficavam conversando entre si, com o proprietário da sauna ou com outro conhecido, enquanto bebiam e assistiam aos vídeos exibidos na televisão. Embora o clima de “sacanagem” (PARKER, 1991), erotismo, paquera e sedução imperasse no ambiente, o fato é que as interações ali efetivadas não se restringiam à prática sexual.

Considero importante destacar tais aspectos para mostrar que a Borborema's Queen, além de não poder ser descrita como um espaço exclusivamente *gay*, não constituía um ambiente pautado apenas no intercursos sexual. A configuração desse cenário, portanto, variava segundo o momento (o dia da semana, o horário) e os sujeitos ali presentes. Ou seja, enquanto o local era fixo, a paisagem não o era.

3.2 Vergonha, receio, desejo...: um pesquisador gay numa sauna para homens

Que personagem pode ou deve um pesquisador interpretar quando inserido num contexto permeado pelo erotismo? E se ele for um homem *gay*? E se ele se sentir inibido ali? E se ele for afetado pelo desejo, pela excitação? E como aproximar-se de pessoas de modo a poder contar com elas na condição de interlocutoras e obter êxito na negociação dos papéis a serem desempenhados por cada uma das partes, sem a interferência de elementos “externos” à situação de pesquisa? Estas e tantas outras perguntas cabíveis incidem não apenas numa instância estritamente pessoal, mas evocam uma série de questões de cunho moral, ético e metodológico, que não pode ser desconsiderada pelo investigador.

Os textos apresentados na coletânea organizada por Don Kulick e Margaret Willson (1995) continuam ocupando um lugar singular no âmbito da disciplina antropológica por refletirem, de modo até então inédito, sobre as relações afetivas, eróticas e mesmo sexuais entre pesquisadores e sujeitos pesquisados. Mas ao invés de resenhar alguns dos textos contidos neste livro, prefiro recorrer uma vez mais ao trabalho de LACOMBE (2010, p. 15), em cuja obra a autora invoca uma dimensão também presente, *mutatis mutandis*, em meu trabalho na e sobre a sauna. “Erotismo e sedução constituem o modo primordial, (...) os motivos essenciais para se chegar perto da outra pessoa em espaços onde a economia de socialização está fadada pela intenção do flerte”, escreve ela.

Assim como LACOMBE (2010), BRAZ (2010) estava inserido num local em que sua identidade sociossexual era do conhecimento das pessoas com quem o pesquisador/autor dialogou. Contudo, diferentemente dela, que interpretou positivamente a relação estabelecida com suas interlocutoras, as quais conheciam suas preferências sexuais, sendo possível, portanto, estabelecer um vínculo pautado na intimidade, cumplicidade, familiaridade, descontração, BRAZ (2010) foi acometido por



um profundo desconforto, ao menos no início de seu estudo realizado em clubes de sexo para homens na cidade de São Paulo. Como o próprio autor descreve:

[p]airava em minha cabeça o fantasma dos riscos éticos que esta etnografia poderia vir a implicar. [...] Nesse cenário, tomei como um pressuposto a necessidade de deixar claro desde o início para aqueles com quem conversasse em campo [...] qual era meu objetivo – mesmo correndo o risco de que isto de algum modo “filtrasse” quem estaria ou não disposto a colaborar comigo. [...] Algumas vezes, fui indagado diretamente se praticava ou não sexo em campo. Ou mesmo se tinha um desejo oculto, uma vontade não dita de fazê-lo. [...] Nesta investigação, observei diretamente práticas sexuais diversas. E até mesmo a busca por colaboradores para conversas e entrevistas demandou minha inserção em situações permeadas pelo desejo. Foi uma pesquisa realizada em meio a “cantadas” e flertes, tanto nas conversas por internet quanto nos clubes. [...] Concordo com Kulick quando afirma que o desejo no campo pode ser um dos modos com que os/as antropólogos/as se percebem sabidamente posicionados e parciais, e que isto pode ser muito produtivo. (BRAZ, 2010, p. 139, 143-147)

Em seu estudo sobre a indústria brasileira de filmes pornôs, Díaz-Benítez (2010), imersa em um cenário prenhe de erotismo e tendo de lidar, assim como Braz (2010), com paixões a princípio inconciliáveis com certa ética antropológica, em vez de omitir esta dimensão presente durante boa parte de sua pesquisa de campo, optou por enfrentá-la, escrevendo:

[S]enti quanto o sexo mexe com questões morais guardadas no íntimo de nosso ser, embora tentemos deixá-las arquivadas na gaveta ao partirmos para o campo. Também percebi que uma pesquisa como esta colocava em jogo sentimentos como o pudor e o desejo sexual do pesquisador em interações em que, em nome do profissionalismo, deveriam ser reprimidos. [...] [T]anto o tesão como a vergonha eram emoções a partir das quais eu poderia atingir dados de campo e interpretar a realidade que se apresentava diante de meus olhos. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2010, p. 21)

Ainda que estas(es) autoras(es) invoquem uma dimensão crucial e mesmo constitutiva de muitas experiências envolvendo etnógrafas(os) e “nativ(as)os” no âmbito do trabalho de campo, são poucas(os) as(os) autoras(es) dispostas(os) a “confessarem-na”. A razão para elegê-las(os) como interlocutoras(es) teóricas(os) neste artigo, contudo, mais do que louvar seus atos de “coragem”, justifica-se pelo fato de que em suas reflexões estão elencados aspectos com os quais tive de lidar em minha pesquisa na Borborema's Queen. Enquanto na Satyricon e no Zeitgeist eu me sentia completamente à vontade, não apenas porque a natureza da sociabilidade nestes ambientes contrastava grandemente com o tipo de interação estabelecido na sauna, mas, sobretudo, porque eu



estava familiarizado a eles por frequentá-los antes de tomá-los como *locus* investigativos, inicialmente na Borborema's Queen eu simplesmente “travei”. Não fosse a ajuda prestada por Eduardo, amigo e um de meus principais interlocutores, talvez eu tivesse desistido da ideia de incluí-la em minha pesquisa. A despeito da boa acolhida de seu proprietário, minha timidez, somada ao receio de ser hostilizado pelos clientes daquele estabelecimento, constituiu um dos mais difíceis obstáculos com os quais tive de lidar. Por outro lado, pensando retrospectivamente, essa mesma timidez cumpriu uma função crucial, reforçando o meu papel na condição de pesquisador, servindo, portanto, como certa blindagem contra as investidas de alguns clientes e massagistas, mas também como uma barreira autoimposta através da qual contive meu próprio desejo erótico.

Entretanto, afirmar o disciplinamento do meu desejo não é dizer tudo. Primeiro porque ele estava presente, fazendo parte do “eu” na sauna. Depois porque, embora difuso, flexível, pessoal e, conseqüentemente, muitas vezes imponderável, o desejo era um índice do próprio cenário no qual ele emergia, ou seja, este se dava a partir da própria intersubjetividade envolvendo pesquisador e os atores inseridos no cenário da pesquisa, sendo, senão compartilhado uniformemente por todos, ao menos elemento de socialização e/ou de fantasias extraindividuais. Todavia, além do desejo, o bias, traduzido em percepções e enunciados a partir dos quais se veiculava uma gramática moralizante ambígua, ainda que guardasse sentidos variados e tivesse implicações diversas (dependendo das temporalidades, dos contextos interativos e dos atores em foco), era outro elemento de partilha entre pesquisador e alguns dos sujeitos pesquisados. Conseqüentemente, ser reconhecido como pesquisador ou ser tomado apenas como “mais um” frequentador *gay* da sauna; tentar controlar de forma mais ou menos explícita as impressões que eu poderia suscitar nos outros, além de não dependerem somente da habilidade do investigador, eram questões que, no final das contas, prescindiam do meu cálculo porque regidas por uma lógica maior e mais difusa, pela “mão invisível” do desejo e da(s) moralidade(s).

3.3 Moralidades e o sexo

A propósito, foi justamente este último aspecto que me chamou atenção e motivou a escrita deste artigo. A sauna, tanto para alguns daqueles que a frequentavam quanto para muitos dos indivíduos a quem entrevistei, era representada de maneira bastante ambígua, reveladora de uma tensão entre a ênfase na realização do indivíduo na condição de sujeito de prazer – marca da “hegemonia de uma ética hedonista” (DUARTE, 2004, p. 32-33) nas sociedades modernas contemporâneas – e um tipo de moralidade dentro do qual a experimentação de uma sexualidade divergente (em relação à



heteronormatividade, à monogamia, aos imperativos sociais que privilegiam os vínculos amorosos e afetivos, ao modelo ideal de constituição familiar etc.) era vista como estigmatizante, perigosa, poluidora. Ou seja, se, por um lado, a sauna era representada positivamente, porque permitia aos seus frequentadores interagir sexualmente com relativa segurança e privacidade, por outro lado estes mesmos aspectos eram avaliados negativamente. Os excertos de depoimentos transcritos a seguir ilustram o que estou tentando problematizar:

Mesmo estando solteiro, não gostaria muito de ir à sauna. Acho um ambiente... pelo menos aqui em Campina, não é muito legal. (Luciano)

Eu não sou muito de frequentar a sauna, até porque eu não gosto. Porque lá é uma pegação triste, triste! (Lúcio)

Quem vai numa sauna vai para transar sem compromisso nenhum, sem ter sentimento nenhum, só o sexo pelo sexo. Eu estou querendo um relacionamento sério, e com uma sauna é uma contradição. (Antônio)

Eu não vou muito à sauna, até porque tem essas doenças hoje em dia e eu tenho muito medo dessas coisas. (Pedro)

O leitor, tomando estes discursos como referência, poderia objetar: ora, nenhum desses depoentes frequentava a sauna, de modo que os enunciados emitidos por aqueles que o faziam certamente iriam de encontro às representações negativas expressas acerca desse espaço. Vejamos então o que me disse Rafael, um dos 18 interlocutores a quem entrevistei mais extensamente, que tinha 32 anos ao tempo da pesquisa e que visitava a sauna com alguma regularidade:

Eu acho que sauna não é uma coisa que me faz muito bem. A não ser que seja uma boa sauna mesmo. Se eu tiver realmente com necessidade, eu acho muito melhor ir para lugares específicos do que você estar se arriscando. Então, sauna é uma coisa mais interessante. Você não precisa perguntar o nome... Você faz muito como o pequeno príncipe: não precisa saber quem é, onde trabalha e onde mora, que são as perguntas normais; que as pessoas acham que essas respostas dão uma certa esperança. Não é bem assim. Eu acho que sexo é uma coisa legal e quando eu sinto vontade de fazer, não importa em que lugar ou com quem, [desde] que seja seguro. Não tenho esse tipo de preconceito. Pode ser com dinheiro ou sem dinheiro, vai depender muito do que eu estiver sentindo na hora. Mesmo que alguém critique ou que ache absurdo, que me veja de uma forma totalmente horrível, mas essa opinião alheia não me influencia, não.



Note-se que, mesmo na fala de Rafael, havia uma tensão na maneira como equacionava os aspectos por ele tidos como positivos e negativos relacionados à sauna. Ora, ainda que apontasse as vantagens proporcionadas por esse local, ele inicia seu discurso afirmando: “Eu acho que sauna não é uma coisa que me faz muito bem”, e conclui: “Mesmo que alguém critique ou ache absurdo, que me veja de uma forma totalmente horrorosa, mas essa opinião alheia não me influencia, não”. Rafael, diante do pesquisador, parecia ter em mente outras pessoas, homossexuais ou não, ao justificar sua valoração sobre a prática sexual no espaço da sauna e o fato dele a frequentar. O depoimento deste interlocutor mostrava que a percepção negativa quanto à Borborema's Queen estava presente tanto nos discursos daqueles que não a frequentavam quanto no de alguns que o faziam. De modo geral, para muitos dos sujeitos ouvidos, a Borborema's Queen era um ambiente frequentado por gente “promíscua”, por “bichas velhas” ou “enrustidas” e caracterizado pela superficialidade dos envolvimento afetivos. Tal percepção revelava uma tensão entre o prazer e o perigo, estando este traduzido num idioma “moralizante” sobre sexo e a realização do sujeito como ente detentor de desejo e prazer. Tratava-se, portanto, de uma moralidade que não obedecia a fronteiras entre homo e heterossexuais, e que contrapunha uma liberdade sexual relativamente irrestrita às demandas por afeto e companheirismo associados a um relacionamento estável e monogâmico. Contrariando um discurso apologético sobre o prazer, o gozo, o sexo, estes associavam o espaço das saunas à “marginalidade”, “promiscuidade”, “prostituição”, “doença”, ao “sexo pelo sexo”, “sem afeto”. Para eles, portanto, o sexo em si apresentava um teor degradante, imoral. Obviamente, tais interpretações variavam de acordo com cada indivíduo, mas tais variações não poderiam ser apreendidas por meio da simples contraposição entre aqueles que frequentavam a sauna e os que não.

Diante desses discursos, o leitor poderia fazer ainda uma segunda objeção. Não seriam estes construídos exclusivamente diante do pesquisador, havendo, por conseguinte, uma distância entre o que era dito por ocasião de uma entrevista e o que era de fato praticado na vida cotidiana dos sujeitos ouvidos? É possível. Contudo, creio não ser razoável estender tal possibilidade a todos os casos, mesmo porque muitos dos indivíduos ouvidos eram meus amigos ou pessoas com quem eu mantinha uma relação amistosa, de modo que suas falas foram apreendidas não apenas durante as entrevistas gravadas, mas também em conversas informais que tivemos em diversos momentos. Além disso, independentemente da (in)coerência entre o “dito” e o “feito”, os discursos são eles mesmos práticas (cf. AUSTIN, 1990) através das quais se erige ou se reproduz verbalmente um tipo de conduta considerado “ideal” porque legitimado socialmente. Além do mais, como observou Didier Eribon (2008, p. 279), “a convivência instável e conflituosa de modos de vida, imagens, discursos que, em si mesmos, não têm qualquer estabilidade nem coerência”, são atributos intrínsecos à realidade vivida por muitos gays.



Outro ponto negativamente valorado pelos meus interlocutores em suas avaliações sobre a sauna consistia na associação deste local com a prostituição. Para muitos deles, conforme afirmei anteriormente, despendar dinheiro para o estabelecimento de uma relação sexual com outro homem consistia numa ação degradante para aqueles que pagavam, uma vez que o intercâmbio financeiro era interpretado como um requisito necessário somente para pessoas tidas como não atraentes fisicamente. A ausência de atributos físicos apontados como passíveis de despertar o desejo e o interesse de outrem era muitas vezes associada à velhice. A verossimilhança desse argumento poderia ser encontrada no fato de que, entre os indivíduos que afirmaram enfaticamente jamais pagarem por sexo, depois de ponderarem, admitiam que, quando velhos, poderiam fazê-lo. Diante disso, o sexo pago era visto como uma das modalidades mais abjetas na busca do prazer porque, além de o dinheiro emergir como antônimo do verdadeiro afeto, também funcionava como um atestado da incapacidade daqueles que o faziam no sentido de atrair, seduzir, conquistar parceiros. Nesse sentido, as avaliações aqui eram tanto estéticas quanto morais.

No entanto, vale destacar que a maneira como meus interlocutores representavam a sauna estava relacionada não apenas a este espaço específico, mas à própria forma como eles ponderavam a conduta sexual da população *gay* de modo geral ou a sexualidade masculina:

São bem mais promíscuos os homossexuais. Até mesmo porque existe uma grande facilidade de um homossexual, de um *gay* hoje encontrar um parceiro. Eu falo os homossexuais masculinos, porque a gente não vê as lésbicas em meio de rua, em ponto de pegação de lésbicas. Em toda cidade que você chegar hoje é certo você chegar e encontrar um ponto de pegação para homossexuais. Então, eu acho que o homossexual é muito mais promíscuo do que os hétero. (Caio)

É um meio extremamente promíscuo. Não há um respeito por ninguém, são poucas as pessoas muito boas. Eu acho que a maioria das pessoas é ruim, sem nenhum senso de sensibilidade. É trepar por trepar, é sexo por sexo. Quanto mais, melhor. Claro que não é todo mundo que pensa dessa forma, mas a maioria é dessa forma. E isso me frustra. Eu gosto de me envolver, eu gosto de me sentir bem ao lado de uma pessoa só e não me sinto realizado neste meio, infelizmente. (Antônio)

Eu acho que, em se tratando de homem, é tudo igual. É porque, no caso do homossexual, ele é mais tachado. Mas se for analisar um hétero, ele não pode ver um rabo de saia, não pode ver uma mulher. Só que a sociedade, por achar que isso é normal, tacha logo a gente. Mas eu acho que é tudo igual. (Pedro)



Estes depoimentos remetem a muitas coisas, inclusive à possível especificidade da sexualidade de homens *gays*, analisada por autores como Foucault (2000), Macrae (2005) e Pollak (1985). De acordo com este último, “a liberalização dos costumes abriu um mercado sexual livre das coerções não sexuais às sexualidades marginalizadas e, em primeiro lugar, à homossexualidade masculina” (POLLAK, 1985, p. 57-58). Macrae (2005) atribui este fenômeno ao fato de que, entre os homossexuais masculinos, haveria menos regras de conduta e, portanto, maior instabilidade. Já para Foucault (2000), os homossexuais masculinos, ao contrário das lésbicas, continuavam presos à reivindicação dos direitos de sua sexualidade, à dimensão do sexológico. O que, de acordo com ele, era compreensível, dada a desqualificação social à qual os homossexuais eram submetidos. Por outro lado, essa questão resvala também na constituição dos papéis de gênero gestados sob a ideologia patriarcal e machista dominante na sociedade brasileira, a qual parece ter sido apropriada e ressignificada por muitos homens *gays*. Sócrates Nolasco (1997), por exemplo, observa que, para um homem, numa sociedade patriarcal como a nossa, o sentimento de identidade está diretamente relacionado com o de identidade sexual, levando-o a manter uma intensa vida sexual. Desse modo, os homens procuram separar sua atividade sexual da afetividade e das demais atividades de sua vida, como se se tratasse de um capítulo à parte.

De todo modo, para alguns de meus interlocutores homossexuais, estabelecer um relacionamento baseado no amor, na cumplicidade, no carinho, no companheirismo, constituía um ideal constantemente afirmado para suas realizações enquanto pessoas. A dimensão afetiva, neste sentido, não estava necessariamente separada da sexual. Na verdade, o sexo aqui só alcançava um patamar ótimo de satisfação se incluísse afeto. Além disso, o par sexo-afeto (condição *sine qua non* para o estabelecimento de relações consideradas envolventes e satisfatórias) era muitas vezes encarado como a única fonte de uma vida segura, capaz de afastar os riscos e os perigos da solidão, da carência, permitindo também a minimização dos efeitos do preconceito e da intolerância. Sendo assim, esses sujeitos apresentavam um discurso crítico sobre espaços como saunas e sobre o comportamento de pessoas engajadas em atividades sexuais de modo fortuito, impessoal e, conseqüentemente, sem envolvimento afetivo. De acordo com a maioria dos sujeitos ouvidos, manter uma atividade sexual considerada “promíscua” (isto é, baseada em interações sexuais múltiplas, passageiras e superficiais do ponto de vista afetivo) contradizia o ideal de estabelecer um relacionamento estável com um só parceiro.

Poderíamos nos indagar a respeito das possíveis razões que levavam certos sujeitos homossexuais a lançarem mão de preceitos moralizantes contra aqueles que não desejavam enquadrar-se em um



modelo de relacionamento homoafetivo segundo os padrões pautados na monogamia, estabilidade e afetividade. Uma resposta possível (porém não a única) talvez estivesse relacionada à grande preocupação manifestada por alguns sujeitos quanto aos estigmas que ainda recaem sobre a personagem homossexual e aos estereótipos atrelados a seu suposto comportamento. Entretanto, concluir por essa via parece-me óbvio demais. Acredito que, mesmo considerando as particularidades temporais, contextuais e individuais, isto é, o fato de que conversei com determinados sujeitos num determinado lugar e em um período delimitado, a gramática moralizante aqui analisada ilustrava em primeiro lugar a coexistência de moralidades múltiplas e cambiáveis; a relação tensa e potencialmente disjuntiva entre valores e padrões sociais “modernos”/“individualistas” e aqueles tidos como “conservadores”/“holistas”, ilustrando aquilo que Heilborn (2004, p. 190) apontou como aspecto característico do “mundo masculino”, dentro do qual o “mundo gay, com suas múltiplas possibilidades de realização da homossexualidade, testemunha uma espécie de vocação de reintrodução das diferenças mesmo onde o modelo simétrico é o articulador da troca homoerótica”. Ademais, a reprodução ou atualização de uma moralidade hegemônica apresenta-se como um dos aspectos constitutivos do mundo moderno, no qual, ao mesmo tempo em que se assiste a (e se vivencia) uma constante incitação ao sexo em suas formas discursivas (cf. FOUCAULT, 1999), ocorre, num movimento aparentemente inverso e paralelo, uma representação do sexo como pecaminoso, poluidor, a ser, portanto, disciplinado. Penso que o que está em jogo no problema aqui apresentado é a tensão entre as demandas por afeto, entre a fantasia de encontrar o “grande amor” com o qual estabelecer um vínculo único e absoluto, e o desejo de “liberdade” sexual irrestrita, tensão que ilustra a difícil articulação envolvendo os “valores da autenticidade da expressão de si” (REZENDE & COELHO, 2010, p. 122) dos sujeitos em suas buscas por prazer e satisfação emocional.

Referências

- AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARBOSA DA SILVA, José Fábio. “Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário”. In: GREEN, James N. & TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. pp. 40-212
- BOLTON, Ralph. “Tricks, friends and lovers – erotic encounters in the field”. In: KULICK, Don & WILLSON, Margaret (orgs.). *Taboo: Sex, Identity, and Erotic Subjectivity in Anthropological Fieldwork*. Londres/Nova York: Routledge, 1995.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. “Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo”. *Cadernos Pagu*, 28, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2007.



- _____. “Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens”. *Revista Bagoas*, 03, Natal, UFRN, 2009.
- _____. “‘Mas agora confessa’: notas sobre clubes de sexo masculinos”. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 4, 2010, pp. 127-156
- CHAUNCEY, George. *Gay New York: Gender, Urban Culture and the Making of a Gay Male World, 1809-1940*. Nova York: Basic Books, 1994.
- CLATTS, Michael. “Ethnographic Observations of Men who Have Sex with Men in Public”. In: LEAP, William L. (org.). *Public Sex, Gay Space*. New York: Columbia University Press, 1999.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. *Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. “A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções”. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. pp. 39-80
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. (*História da sexualidade*, v. 1).
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.
- FRANÇA, Isadora Lins. “Na ponta do pé: quando o *black*, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo”. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. pp. 393-421
- _____. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- _____ & TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HEILBORN, Maria Luiza. “Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social”. In: PARKER, Richard & BARBOSA, Maria Regina (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996. pp. 136-45
- _____. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- HENNING, Carlos Eduardo. *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS*. Dissertação de Mestrado, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 2008.
- HIGGINS, Ross. “Baths, Bushes and Belonging: Public Sex and Gay Community in Pre-Stonewall Montréal”. In: LEAP, William L. (org.). *Public Sex, Gay Space*. New York: Columbia University Press, 1999.
- HUMPHREYS, Laud. *Tearoom trade: impersonal sex on public places*. Chicago: Aldine, 1970.
- _____. “A transação da sala de chá: sexo impessoal em lugares públicos”. In: RILEY, Matilda White & NELSON, Edward E. (orgs.). *A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1976. pp. 148-160
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – (IBGE). Página consultada: www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=250400. Último acesso em 05 de julho de 2013.



- KULICK, Don & WILLSON, Margaret (orgs.). *Taboo: Sex, Identity, and Erotic Subjectivity in Anthropological Fieldwork*. Londres/Nova York: Routledge, 1995.
- LACOMBE, Andrea. “Pra homem já tô eu”: masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2005.
- _____. “De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro”. In: *Cadernos Pagu* (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, janeiro-junho de 2007. pp. 207-225
- _____. “‘Tu é ruim de transa!’ ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro”. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. pp. 373-392
- _____. *Ler(se) nas entrelinhas: sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. Tese de Doutorado, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2010.
- LEAP, William L. “Sex in Private Places: Gender, Erotics and Detachment in Two Urban Locales”. In: LEAP, William L. (org.). *Public Sex, Gay Space*. New York: Columbia University Press, 1999.
- MACRAE, Edward. “Em defesa do gueto”. In: GREEN, James N. & TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. pp. 291-308
- MILLER, D. A. *The Novel and the Police*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1988.
- MURRAY, Stephen. “Self Size an Observable Sex”. In: LEAP, William L. (org.). *Public Sex, Gay Space*. New York: Columbia University Press, 1999.
- NOLASCO, Sócrates. “Um homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Editora SENAC, 1997. pp. 13-29
- OLIVEIRA, Leandro de. “Diversidade sexual e trocas no mercado erótico: gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro”. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira & FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. pp. 119-145
- PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. “Pulsão Invocante e Constituição de Sociabilidades Clementes – notas etnográficas sobre karaokê numa sauna em Fortaleza”. Trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2009.
- PÉREZ, Fernando Villaamil & RUBIO, María Isabel Jociles. *Los Locales de Sexo Anónimo como Instituciones Sociales: Discursos y prácticas ante La prevención y el sexo más seguro entre HSH*. Informe ejecutivo. Madrid: COGAM-Fundación Triángulo-Universidad Complutense de Madrid, 2006.
- PARK, Robert. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973. pp. 29-72
- PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- _____. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- POLLAK, Michael. “A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto?”. In: ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 54-76
- _____. POLLAK, Michael. *Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.
- REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2010. (Coleção FGV de bolso. Série Sociedade & Cultura)



- RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva; MAIA, Gessé da Silva. "Dinâmica e espacialidade das saunas de *boys* na cidade do Rio de Janeiro". In: RIBEIRO, Miguel Angelo e OLIVEIRA, Rafael da Silva (orgs.). *Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira*. Rio de Janeiro: Gramma, 2011. pp. 89-101
- SANTOS, Carlos dos. *Bichas e entendidos: a sauna como lugar de confronto*, 1976. (mimeo.)
- SANTOS, Élcio Nogueira dos. "Entre Amores e Vapores: as representações das masculinidades inscritas nos corpos nas saunas de michês". Comunicação apresentada no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife, SBS, 2007.
- _____. "Corpos à venda, corpos do desejo, corpos discursivos: as relações de poder inscritas nos corpos dos michês das saunas de São Paulo". Comunicação apresentada no Seminário Internacional Fazendo Gênero 8, Florianópolis, 2008.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. "A epistemologia do armário". *Cadernos Pagu*, (28), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, janeiro-junho de 2007. pp. 19-54
- SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- TATTELMAN, Ira. "Speaking to the Gay Bathhouse: Communicating in Sexually Charged Spaces". In: LEAP, William L. (org.). *Public Sex, Gay Space*. New York: Columbia University Press, 1999.
- TERTO JÚNIOR, Veriano de Souza. *No escurinho do cinema...: socialidade orgiástica nas tardes cariocas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, PUC/Rio de Janeiro, 1989.
- TOTA, Martinho. *Identidades fragmentadas: cultura e sociabilidades homoeróticas em Campina Grande-PB*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, PPGS/UFPB, 2006.
- TRINDADE, José Ronaldo. 2004. Construção de identidades homossexuais na era AIDS. In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard (orgs.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS*. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ/ABIA.

